

Euro Magalhães¹

Para melhor sintonia, voltemos nossas mentes para o ano de 1979, já distante se considerarmos apenas os indivíduos, mais de 40 anos se foram. Considerando a sociedade e as instituições ocorreram mudanças, todavia as estruturas aí estão, agora como estavam naqueles tempos. Alguns avanços da Tecnologia de Informação, hoje a palavra de ordem é Inteligência Artificial, disponibilizados ao público em geral e às organizações.

Imaginemos o trabalho da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) enquanto órgão estatal com atribuições muito claras, sem o apoio de internet e sem telefonia móvel. No interior do estado, considerável a quantidade de municípios sem telefonia fixa. Mas o Destacamento PM estava lá. Unidades e algumas subunidades interiorizadas contavam, desde a década anterior, anos 60, com um prodígio da tecnologia de comunicação, o Telex, esse que viera apoiar ou substituir a comunicação via rádio SSB, de ondas curtas.

No ambiente social externo o panorama era de alguma inquietação pois o futuro já se descortinava com alguma clareza e as organizações resistiam às mudanças, principalmente aquelas ditas profundas, estruturais.

Alguns indicadores já mostravam alguma ruptura do real e do existente, face ao necessário e um

¹ Um dos fundadores da Revista *O Alferes*. Coronel veterano e Ex-Comandante-Geral da Polícia Militar de Minas Gerais.

deles era o que se oferecia nos treinamentos de capacitação e formação dos profissionais de segurança pública, os policiais militares. O exame dos currículos dos cursos de formação nos diversos níveis bem como naqueles voltados para especialização e aperfeiçoamento, diríamos de graduação e pós-graduação, estavam a exigir revisão e atualização.

Na memória da PMMG aquele 1979 deve ser lembrado pela convulsão social iniciada em Belo Horizonte e, logo após, disseminada pelo país afora. A dita “ Greve dos Operários da Construção Civil”, ou greve dos pedreiros que já foi, e tem sido, objeto de artigos, estudos e teses acadêmicas² exigiu do Comando da PMMG decisões rápidas e, sobretudo, coerência de atitudes, tudo aliado à reflexão em profundidade. Surpreendida pelos fatos a PMMG os encarou com providências de caráter corrente, emergindo uma tropa de choque de caráter provisório e também ações de caráter estrutural, estratégico, no caso a criação do Batalhão de Polícia de Choque.

No Estado-Maior-Geral da PMMG a 3ª Seção (PM3) contava com um grupo de oficiais³ com experiência em unidades do interior, a partir do então Ten Cel Klinger, chefe da Seção, passando pelo então Major Alain, responsável pela subchefia. Este grupo de oficiais, entre os quais me incluía, se reunia diariamente, ao final do expediente, para longas discussões que assumiam o caráter do que hoje em dia está intitulado como inovação organizacional. Cautelas eram adotadas para não adentrar no segmento dito, também hoje em dia, de inovação disruptiva, posto que o compromisso com a história era respeitado. Mas sentia-se que a sociedade estava mudando e mudaria muito mais e as organizações também. Não por acaso e pouco tempo depois alguns livros estavam sendo lidos com atenção, cuidado e respeito por todos e cabe citar “A Terceira Onda” e “A Empresa Flexível”, ambos de Alvin Toffler.

² Cf.: Viva os 39 anos da “Revolta dos Pedreiros” de 1979 em Belo Horizonte!. Disponível em: <http://sticbh.org.br/viva-os-39-anos-da-revolta-dos-pedreiros-de-1979-em-belo-horizonte/>. Cf.: OLIVEIRA, Ricardo Cordeiro. A Greve dos operários da Construção Civil de Belo Horizonte em 1979: Memórias em Construção. Anais do XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Ricardo%20Cordeiro%20de%20Oliveira.pdf>.

³ Compunham a equipe: Ten Cel Klinger Sobreira de Almeida, Maj José Alain Lopes, Cap Euro Magalhães, 1º Ten Paulo Roberto Silva, 1º Ten Edgar Eleuterio Cardoso e 1º Ten João Libério Cunha.

O ambiente gerado não era de crítica, mas de reflexão cuidadosa quanto à PMMG, sua estrutura, capacitação de recursos humanos, legislação e tudo que lhe impactava no exercício de sua missão. Dessas discussões afluíam alguns conceitos e entendimentos que se apresentavam urgentes e necessários, mas de difícil e complexa implementação. Assim, sabendo que já circulava, ao final dos anos 40, no âmbito da PMMG a revista intitulada “LIBERTAS” foi se consolidando uma proposta de criar uma publicação de caráter periódico para onde fossem canalizados artigos que apresentassem caráter doutrinário ou que, pelo menos, contribuíssem para a construção de uma doutrina de emprego da Corporação.

Alguns trabalhos de excelente qualidade já existiam e eram usados nos diversos cursos, mas sempre no formato de apostilas e o propósito foi, desde o início, de centralizar todas as contribuições em um periódico que permitisse aos interessados a consulta sistemática. Em síntese, quem se interessasse teria onde pesquisar e aquele que concebesse e produzisse teria onde publicar.

Dentro dessas linhas mestras foi esboçado o que viria a ser a Revista *O Alferes*, esclarecido ainda que seriam tratados exclusivamente assuntos de caráter doutrinário de polícia ostensiva.

Consolidado o que se pretendia foi montado aquele que seria o nº 1, inaugural da revista. Ocorreu que por razão de caráter superior o dito nº 1 veio a circular apenas ao final de 1983. Nele despontava com muita clareza a finalidade da publicação a partir do primeiro artigo da lavra do então Coronel PM QOR Olímpio Garcia intitulado *O treinamento sob a ótica militar*.

Passados estas décadas da circulação do nº 1 cabe lembrar os dizeres do jurista Álvaro Lazarini, Desembargador no estado de São Paulo, palavras proferidas em solenidade patrocinada pela Federação Nacional das Entidades Militares Estaduais em dezembro de 2008. Abordando os estudos e discussões sobre Segurança Pública e o Aperfeiçoamento da Polícia no Brasil mencionou ele que:

Críticas não faltaram. Mas, reportando-me à importância da revista “O Alferes” durante os seus vinte anos, recordo Euro Magalhães, que, com muita propriedade, pediu aos atuais pensadores da Polícia Militar que “não nos critiquem por tratarmos de temas tão óbvios... da forma como tratamos, talvez até

ingênuas. Mas eram temas que estavam sendo discutidos pela primeira vez em nosso universo de policiais militares e muita cautela era necessária”.⁴

Lembrar que à época da circulação do nº 1 ainda era recente a obrigatoriedade da produção de trabalhos, ditos monografias, nos cursos de aperfeiçoamento de oficiais. Nesse contexto a revista também foi imaginada como o canal de divulgação de trabalhos apresentados por concluintes dos diversos cursos, sobretudo os de pós-graduação, Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais (CAO) e Curso Superior de Polícia (CSP). Desta forma os mencionados trabalhos, frutos de pesquisa amparados em experiência profissional, teriam destino diverso do puro e simples arquivamento.

Os artigos inaugurais foram notáveis: 1) *O Treinamento sob a ótica militar*, Olímpio Garcia Pereira, Coronel PM QOR; 2) *Estatística aplicada às operações*, Verter Santa Cecília, Capitão PM; 3) *O Poder de Polícia e a Polícia de Manutenção da Ordem Pública*, Klinger Sobreira de Almeida, Coronel PM e 4) *Normas para pesquisa no Estado-Maior*, Antônio Egg Resende, Major PM.

Oportuno ainda que seja registrado o contido na página de abertura daquele nº 1 – set/out/nov/dez 1983. O Comandante da Academia de Polícia Militar era o Coronel PM José Braga Junior. O conselho editorial era integrado pelos oficiais: Cel PM Klinger Sobreira de Almeida; Ten Cel PM José Alaim Lopes, Maj PM Euro Magalhães e o professor Vital José Soriano de Sousa. A redação e revisão estavam sob os cuidados do Maj PM Euro Magalhães e do 1º Ten PM Genedempsey Bicalho Cruz.

Atualmente gratifica-nos, enquanto pioneiros, a lembrança da parábola do semeador⁵ e a certeza de que a semente caiu em terreno fértil, produziu, produz e produzirá frutos que beneficiarão a população de nosso estado de Minas Gerais.

⁴ Disponível em: <https://www.feneme.org.br/a-consagracao-nacional-do-desembargador-desbravador-alvaro-lazzarini/>

⁵ O semeador saiu a semear. Enquanto lançava a semente, parte dela caiu à beira do caminho; foi pisada, e as aves do céu a comeram. Parte dela caiu sobre pedras e, quando germinou, as plantas secaram, porque não havia umidade. Outra parte caiu entre espinhos, que cresceram com ela e sufocaram as plantas. Outra ainda caiu em boa terra. Cresceu e deu boa colheita, a cem por um. Lucas, 8, 5-15.